
Politica



1 9 3 0

Ano II

N.º 17

CABRAL SACADURA

Interno de Cirurgia dos Hospitais Cívis

Partos — Sifilis

■ ■
CONSULTAS

Largo José Fontana, 12-2.º (às 16 horas)

DR. MARIO CARDIA

Médico dos Hospitais

Doenças das senhoras

■ ■
Partos. Cirurgia

Tratamentos pelo rádio e electricidade
AVENIDA DOS ALIADOS, 41.º — PORTO

■ TELEPHONE 4907 ■

MIRA DA SILVA

MÉDICO

Avenida Almirante Reis, 57-A, 1.º

LISBOA

DR. COSTA FELIX

Interno de Cirurgia dos Hospitais Cívis

■ ■
CONSULTAS

LISBOA: Rua 16 de Outubro, 33—Tel. C. 2630

A's 14 horas

DAFUNDO: R. Paulo Duque

A's 17,30 horas

Não há CAFÉ como o de

A

PAULISTANA

● ●
À venda no

Largo de S. Domingos, 12 e na
Av. F.-Pereira de Melo, 52 52-B

CASA DOS PANOS

A 1.ª casa da especialidade

Sortimento completo em

Panos brancos e Linhos

Tecidos de côr para rou-

pa de Senhora. Sarjas

brancas, Sarjões crús,

: : : : etc. : : : :

Serviço rápido de amostras para

PROVINCIAS E ILHAS

■ Esquina da Rua de S. Julião ■

■ 45, R: dos Fanqueiros, 49 ■

AFONSO LUCAS

ADVOGADO

Rua Arco Bandeira, 70 2.º

TELEPHONE C. 642

L I S B O A

Martinho Nobre de Melo

ADVOGADO

Rua de Santa Justa, 82. 2.º

TETEFONE NORTE 4953

LISBOA

A. NUNES E SILVA

ADVOGADO

Telefone Central 642

Rua Arco Bandeira, 70. 2.º

LISBOA

DR. AMARAL PYRRAIT

MÉDICO

Consultório — Rua Archieta

LISBOA

Política

REVISTA QUINZENAL

ORGÃO DAS JUNTAS ESCOLARES DE LISBOA, COIMBRA E PORTO
DO INTEGRALISMO LUSITANO

Director: J. CENTENO CASTANHO

Redactor-principal: A. DO AMARAL PYRRAIT (F. D. U. L.)

Lisboa, 31 de Dezembro de 1930

O discurso de Hipolito Raposo No banquete do Luso

Amigos:

Aqui vos trazemos, erguida à flôr das almas, aquela bandeira que a nossa mocidade desfraldou um dia, como protesto e sinal de esperança nos céus turvos de Portugal.

De tão longa jornada, chega ela aos vossos braços húmida de lágrimas de dor e de saúde, tinta do sangue já derramado em sua Glória.

Por cadeias, hospitais e exílios, no extenso martiriológico que a tem dignificado e sagrado, ela foi a lâmpada mística a que sempre se acendeu a aurora no meio da tribulação.

Em tantos passos de crise e sanguinário desatino, só pela esperança que dela irradiava, era ainda possível à Nação preservar o alento de uma vida espiritual, quasi transcendente.

Esta bandeira que sempre foi e será uma afirmação de juventude de almas, jámais conheceu as doçuras moles e saborosas da transigência, não se dobrou a Reis, nem a Principes, e menos sabe ainda render-se ou vender-se às tentações oportunistas a que se acomodam a ignávia

A absoluta falta de espaço obriga-nos a reservar para o proximo número o relato circunstanciado dèssa bela jornada do Integralismo Lusitano que foi o banquete de homenagem à Junta Central, promovido pelas Juntas Escolares de Lisboa, Coimbra e Porto. Pela sua flagrante oportunidade e pelas notáveis afirmações politicas nele contidas publicamos hoje no devido lugar o notavel discurso de Hipolito Raposo.

N. R.

e a traição dos tráfugas que alguma vez, por engano, estiveram a nosso lado.

A' sua sombra se juntam hoje aqueles Portuguezes que não perderam o direito, nem prescindem do dever de acusar.

Assim, amigos, bem vêdes como era e tem sido imperioso o dever da guarda de honra dêste pendão, ao impedir em successivos assaltos que as navalhas de certos fadistas, mais ou menos doutorados, gravassem na sua heráldica impoluta a tatuagem de uma injúria.

Ao longo do caminho foram ficando, desmantelada caravana de maltrapilhos da dignidade politica — uns, a uivar de longe, como chacais desdentados, outros a lançar aos pés dos mais novos que vem chegando, a viscosidade repulsiva das lesmas.

Para melhor continuardes a amar e honrar a nossa insígnia guiadora, no combate e na esperança, aqui vos damos um conselho e vos dirigimos uma exortação:

— Renunciai à glória ambiciosa de ser estadistas aos vinte anos, num País que durante um século de agonia foi sendo dilacerado pelas garras e colmilhos dos seus salvadores.

Escolhei no vasto índice das nossas aspirações, aqueles problemas nacionais que mais seduzam as vossas predilecções.

Lêde, estudai e meditai sempre, para que em cada dia vos liberteis da vanglória de tudo conhecer e saber, guardando-vos de juízos frívolos, da precipitação e do êrro.

Procurai merecer, em tudo e por tudo, um grande título que não se adquire na feira das vaidades do nosso tempo, o título de nobreza, não desacreditada ainda, de bons estudantes da alma ou do corpo de Portugal.

Procedei como se o triunfo da nossa aspiração, só do vosso esforço individual dependesse, e na vossa vida de voluntários desta cruzada, tomai por mandamento exceder nos méritos, na capacidade e no espírito de sacrifício, os vossos companheiros mais velhos, para os substituírdes com vantagem na hora própria.

Mas, ao ouvi-los e segui-los, se quereis respeitar a verdade e não ultrajar a justiça, renunciai a tentar excede-los na fé, na dedicação, no desejo de vitória para o ideal de que o destino os armou cavaleiros e que até ao último alento será a maior razão da sua vida.

Confiai naqueles que até hoje conduziram esta coluna de idealistas que no juízo grave do bom-senso passaram de ridiculos a ingénuos e de ingénuos a perigosos.

O triunfo da intelligência já o ganhamos: a Providência prolongou-nos a vida até ao momento em que o Poder Público,

em regimen republicano, proclamou as bases da salvação nacional, à inspiração de princípios, por cujo apostolado e defesa muitos de nós pegaram em armas e foram encarcerados.

*

Em 30 de Julho deste ano, o governo da Ditadura Nacional, enunciou com alto e claro desassombro, os princípios do Estado Novo.

Dizendo-lhes para onde caminhava, a Ditadura Militar, com autoridade podia chamar a si todos os Portuguezes de boa-vontade, conjurando-os a que formassem lealmente a união nacional, para a salvação publica.

A este apêlo acudiu a tempo o Integralismo Lusitano, decidindo-se a servir as intenções do Governo, em ordem ao bem comum.

Não nos compete nesta reunião apreciar a conduta do Poder: só require-lo a que cumpra por inteiro o dever em que voluntariamente se constituiu, como nós temos cumprido o nosso, auxiliando-o.

Não lhe pedimos o que ele não nos pode dar, nem de nós espere mais do que lhe prometemos e concedemos, dentro dos termos de uma aliança patriótica que, de parte a parte, nunca pode ser confusão ou abdicação de independencia politica.

No fim, com o triunfo dos bons propósitos realizados ou com o malogro de esperanças a que se atêm hoje os melhores Portuguezes, a responsabilidade será sempre a mesma, permanecerá intacta em nós a honra do dever cumprido.

Na alegria da vitoria ou nas agruras da catástrofe, a Historia reservará o seu juizo para os que têm agora o encargo e a responsabilidade do poder.

Nós, servidores da Nação, em periodo de grave doença social e politica, com zelo afastamos a dissidencia e lealmente procuramos a concordia entre os Portuguezes, num designio de alto sentido nacional.

E para este fim, em tudo quanto pudermos e até onde devermos, não faltará a nossa cooperação, nem serão os nossos votos os menos fervorosos neste acto de fé na restauração da nossa Patria.

O SR. CARLOS BABO E AS LUTAS LIBERAIS

II

COM o desventurado Rei Dom Miguel verificou-se à farta o velhíssimo aserto popular: «preso por ter cão, preso por o não ter!»... Apontavam-lhe, como defeitos tremendos, quer as qualidades características do português, quer as tendências verificadas em quasi todos os nossos compatriotas e para as quais é de uso encontrar risonha e benevola desculpa, pois que só a Egreja tem autoridade que baste para as censurar e repudiar... Acusaram Dom Miguel de ser dado a toiradas, de conviver com a gente do povo, de ter amantes, de ser pandego e turbulento na sua mocidade. Quer dizer: formulam contra o portuguesíssimo e desventurado monarca acusações totalmente opostas às que é de uso os primários vomitarem contra outro portuguesíssimo soberano português: El-Rei Dom Sebastião! Verifica-se pois o aserto popular, vê-se que a fabula de Curvo Semedo é applicável a todos os tempos... Num país de femieiros retrincados, de equitadores de primeiro plano, e de amantes das toiradas, acusar D. Miguel I de possuir tais predilecções o mesmo será que voltar o argumento contra o acusador porque não me consta que durante oitenta anos de rigime liberal, os adversarios do Legitimismo houvessem deixado de produzir equitadores magníficos, de gostar do sexo fraco e de encher os redondeis do país!... A verdade porem é que, se El-Rei Dom Miguel fosse o contrário daquilo de que, exageradissimamente, o acusam, nem porisso escaparia aos criticachos da terra portuguesa... Se fugisse das mulheres chamar-lhe iam invertido — como aliaz já certo desalmado lhe quiz chamar! —; se não convivesse com o povo, afirmariam que Dom Miguel era um português que desprezava a única parte ainda sã do país: o povo; se à festa peninsular preferisse os serenins e as estopadas academicas, idem, idem! Se o vissem de rosário nas mãos, seria um fanatico, um *jesuita*, um Torquemada e não faltaria quem declarasse que as alçadas — bem explicaveis e justas, valha a verdade! — mais não finham sido que puras manifestações de fanatismo, ou antes de *jesuitismo*, para não faltarem à citação do estupidissimo vocabulo creado pela bruta pasmaceira liberal... Quer dizer: preso por ter cão e preso por o não ter... Porque Dom Miguel convivia com o povo e este o adorava, acoimaram de réles o soberano e conferiram-lhe a psicologia dum bolieiro, rude e boçal. Porque nos seus verdes anos teve uns amoricos — umas aventuras *rapaziaticas* (o adjectivo, tão desculpante, pertence a um liberal, srs!) chamam-lhe estroina, valdevinos, inclinado à pouca vergonha e aos amores com gente de baixa estofa. Vieram depois alegações de amores mais altos, entre elas a anedota Aldobrandini-Borghêse, tão falsa e literatoide que se vê logo estar o autor mentindo como um cesto rôto. Durante muito tempo a borracheira incomensurável que é o livro de Barreto Feio, *Dom Miguel*,

ses aventures scandaleuses, ses crimes et son usurpation, tristissimo documento rocambolesco e imbecil, constituiu o manancial copioso aonde os folicularios liberales foram buscar o chorrinho de sendices com que fabricariam o retrato moral do Rei legitimo. E os liberaes... são sempre tanto a mesma coisa que, ainda hoje, quando uma sociedade de fiteiros gasta cinco mil contos para filmar os amores ignobeis dum fidalgo toureiro com uma rameira cigana, ainda hoje, santo Deus! aparece um Carlos Babo qualquer, armando em historiador e criticando Dom Miguel por gostar de toiros!

Sempre os mesmos!

*
*
*

O livro com o qual tanto tempo estou perdendo não foge à regra em questões de historiagem liberal. O sr. Carlos Babo ignora inteiramente o que seja a critica histórica e, alem de escrever mal, — muitissimo mal, até! — possui uma triste mentalidade de *primário* à qual vem juntar-se um espirito odiento, sectarista, incapaz de fazer a departição do bom e do mau. Para o autor de *As luctas liberaes*, só é grande, justo, valoroso e ilustrado quem seguir as suas ideias; todos os outros pertencem à escoria humana. Com este critério risível e empavonando-se com a missão de historiador que em má hora lhe cometeram, cái nos peores excessos, põe de parte a argumentação cerrada dos polemistas do Legitimismo, despreza documentos — até mesmo de autôres insuspeitissimos! — e apresenta ao publico uma borracheira sem equal nos tempos de hoje. Os absolutistas, El Rei D. Miguel, a Rainha Dona Carlota Joaquina, os generais miguelistas, toda a enorme comparsaria do grande drama apostolico-liberal, bem como as ideias que animavam um e outro campos, são vistos à luz, não da critica histórica, mas sim do mais torvo sectarismo. Basta dizer-se que o sr. Carlos Babo, jamais se esquece de carregar as côres quando se trate de Dom Miguel I e dos defensores da sua realza; como contrapartida porem, os defeitos de D. Pedro I do Brasil — o qual foi, pelo menos, mau português, mau brasileiro, mau filho, mau irmão, mau marido e mau pai! — esses defeitos são deixados propositadamente no esquecimento. E, não obstante, se o sr. Carlos Babo fosse um espirito esclarecido e justiceiro, que páginas curiosas não lhe poderia fornecer o confronto dos dois irmãos!... Nem seria preciso que o sr. Babo soubesse escrever — qualidade que infelizmente lhe falece por completo. Bastaria apenas que conhecesse a vasta bibliografia e os documentos que nos restam: êsse confronto seria na verdade impressionante. E veria tambem que, perante os textos antigos e a bibliografia referida — esta em grande parte devida a escritores insuspeitos como Sá Chaves, Oliveira Lima e outros — a legitimidade de Dom Miguel é hoje assunto arrumado a favor do bondoso e desventurado monarca português; que D. Carlota Joaquina foi uma grande Rainha, victica das intrigas e maquinações tenebrosas da Maçonaria; que as Côrtes do vintismo foram uma assembleia de ridiculos palradores e de hipócritas, de ineptos e energumenos a cuja estúpida actuação se deveu em grande parte o

recrudescimento do separatismo brasileiro; que não há direito a escrever que D. Miguel traiu Dom Pedro I porque o contrario é que está certo: Dom Pedro é que traiu a sua pátria, rebelou-se contra ela, contra seu pae e contra o herdeiro legitimo do trono... Veria tambem que a *Vilafrancada* e a *Abrilada* foram movimentos, não contra Dom João VI, como primariamente se afirma no livro do sr. Babo, mas sim tendentes a restaurar a realza do mesmo Dom João VI, realza essa reduzida ao mais ridiculo simulacro pela pseudo—representação nacional e pelos manejos anti-patrioticos da maçonaria... Em vez de fazer cavalo de batalha das forcas, lembrar-se ia dos *desrinçamentos* nas ilhas, das varádas a 300 portuguezes no Brazil, dos milhares de assassinios e dos milhares de roubos efectuados pelos constitucionais de 1834 a 1840... e da vergonha imensa que foram os oitenta anos de liberalismo em Portugal...

... Mas isto, vêmo-lo bem, provaria exactamente o contrario do que o sectarismo do sr. Babo quer que se prove. S. Ex.^a ignora tudo quanto acima fica e muito mais que fica por dizer. S. Ex.^a quer, mesmo, ignorar tudo quanto não seja mentira, porque o seu espirito amancebouse com a Liberdade gerada pela Revolução francesa e, muito embora a conducta de mãe e filha haja sido a das mais desbragadas pôlhas, das mais safadas rameiras, com o pescoço marcado à navalha pela récuva dos amantes e vivendo para a gandaice madraceirona dos mesmos, o sr. Carlos Babo acha bem ou quer ignorar. Muitas vezes já a sr.^a Liberdade e as suas manas teem merecido no corpo as balas dum pelotão executor porque os crimes dalta traição teem o seu quê de convidativo para as três mãos. Mas o sr. Carlos Babo ignora... E quer ignorar, ignorar sempre... S. Ex.^a ignora até... que entre o patriota Fernandes Tomás e D. José Pando houve conciliabulos para... a união de Portugal à Hespanha!..

* * *

Decididamente, não vale a pena ir mais por diante na crítica à es-corrência literaria do sr. Babo. Para quê?

A obra em questão, literariamente é uma desgraça; sob o ponto de vista historico é uma miseria que nem sequer chega a ser digna de muito chinelo. Só uma coisa nos compunge ainda e nos levou a escrever estas linhas de justos reparos: o ser barata a edição e portanto o poder perverter, talvez, as camadas de cuja ignorancia estes historiadores de intilequê usam e abusam. Nem só o envenenamento fisico é um crime: o envenenamento moral o é...

O resto, a prosa, as historiagens, o primarismo do sr. Babo, tudo isso representa apenas fumo de palha. A Historia verdadeira não é para o acanhado espirito do autôr em referencia.

E quanto ao Legitimismo esse não se arreceia nem dá prosa nem dos conhecimentos do sr. Babo. E não tem mesmo nada de que se arreceiar porque, na frase de D. Jorge de Loçio, o Legitimismo é a propria verdade!

Alvaro MAIA

Pátria Nova e o Mestre

O último número da brilhante revista brasileira «Pátria Nova», chegado a Lisboa, traz palavras de muito carinho para a memória do saudoso António Sardinha, associando-se à nossa comemoração do 1.º lustre da morte do Mestre.

Diz «Pátria Nova»:

«Já faldmos deste sympathico órgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano, em Março. Não podemos, porém deixar de falar deste livro que é o n.º especial dedicado á memória de Antonio Sardinha, a cuja comemoração se associou Dom Duarte Nuno de Bragança, futuro rei de Portugal.

Só agora os patrianovistas paulistanos estão conhecendo de verdade a figura assombrosa de António Sardinha e pesa lhes o não tê-lo conhecido mais cedo. Dahi este n.º ser uma revelação. Sem que cogitássemos da coisa, integralismo é patrianovismo, e patrianovismo é integralismo: só que integralismo é potrianovismo português, e patrianovismo é integralismo brasileiro. Aliás o fundo da doutrina é comum: ambos são christãos integraes, e o fundo do patrianovismo é luso-brasileiro, forçosamente, porque luso-brasileira, é nossa história «real» até 1822 e o presente que é nós não pode negar o passado que também é nós, sem embargo de toda a fantasia das sabensias modernas.

Não podemos, com tão pouco espaço, falar dos magníficos artigos que nos apresenta este fasciculo de «Política» assignados pela flor da cohorte monarchica integralista. Sejam licito entretanto assignalar uma estupenda coincidência dos inicios (se assim se pôde dizer) dos dois movimentos.

O Sr. Luis de Almeida Braga, no artigo «Caridade de Pátria» entre outras identidades impressionantes, fáz-nos saber, publicando uma carta de Sardinha a 10-4-1914, que um dos primeiros porta-vozes da monarchia orgânica lusitana foi a revista Patria Nova. Leitamos as suas palavras ao Sr. Braga: «Hoje que entramos a enquadrar-nos em hoste cerreada, a falta que tu nos fazes. Sabes que, propagandista do nosso integralismo váe reaparecer a tua antiga Patria Nova!»

Poderia qualquer um, com todas as apparencias de verdade, afirmar que o nosso patrianovismo (nascido da terra, da historia, da vida nacional) foi cópia consciente da obra dos nossos irmãos de Portugal. Não nos desdonraria em nada, visto o fundo histórico comum das duas grandes Pátrias; mas seria inverdade.

Agóra que estamos a conhecer a obra dos Integralistas que tiveram mais tempo que nós para revisar as falsidades que tanto mal vem fazendo ao mundo, havemos de lucrar muitissimo com o que neles ha de comum ás duas Nações irmãs e com o que possua carácter universal.

O que ninguém porá em dívida é que António Sardinha, amigo do nosso Jackson e, por sua vez, Jackson de Portugal, nos ensina a todos. E, porque assim é, embora tarde porque em março não deu tempo, nós nos associamos ás homenagens prestadas ao excelso Integralista Português»

Aos nossos queridos irmãos patrianovistas o nosso profundo reconhecimento pela nobresa das suas palavras amigas e pela sua homenagem à memoria do nosso querido e saudoso mestre. Muito nos comoveu a sentida lembrança de associar ao nome de Sardinha, o de Jackson, glória da Inteligência Brasileira, por cuja obra todos os integralistas teem a maior admiração e por cujo formoso talento tinham o maior carinho.

a mística democratica e a transposição naturalista do CRISTIANISMO

(CONTINUAÇÃO)

Au zèle religieux ou patriotique a succédé le besoin de bien être ; et le nouveau motif est aussi puissant que les autres ; car dans nos sociétés industrielles démocratiques, utilitaires, c'est lui qui désormais gouverne presque toutes les vies et que provoque presque tous les efforts. (11)

A necessidade do bem estar, o impulso utilitário eis o que sob as ideias-mitos da Revolução se encontrava latente no individualismo de Rousseau sequência directa do individualismo protestante no seu aspecto intelectual.

O movel último da Revolução e das ideias revolucionárias como Taine assinalou foi de natureza social e na sua essência uma «translação da propriedade». (12)

Mergulhando nas fontes judaicas as suas raízes principais, a mística democrática opõe-se não sómente ao racionalismo antigo como também ao humanismo cristão.

Em Platão o ideal supremo das «élites» é a contemplação extática da dialéctica divina das Ideias.

Aristóteles diz que o sábio deve fazer uma vida segundo o espirito e condena todas as manifestações do capitalismo antigo.

O estabelecimento do cristianismo longe de perturbar esta ordem veio favolecê-la. A Igreja Católica nunca cessou de pregar a resignação à pobreza. Para ela o pobre é a imagem de Cristo, a pobreza voluntária superior à riqueza, o officio de Maria preferível ao de Marta. Prega um ideal de santidade. Para o cristão como para o sábio antigo o progresso consiste numa remuneração interior.

Como modernamente contra as doutrinas políticas de Laménais e Marc Sagnier o Papado soube sempre precaver-se prudentemente contra as tentativas de infiltração realisada em nome do ebionismo judaico.

Assim surgiu como uma grande força de conservantismo graça à qual a Idade Média gosou duma alta civilização eclesiastica.

A Revolução no seguimento da Reforma voltou às velhas concepções semitas; foi um novo assalto dos valores hebraicos sobre os valores greco-latinos.

Mas se considerarmos a mística democrática na sua génese, nas suas ligações íntimas dentro da evolução das ideias que a fez surgir é preciso reconhecer que como o rousseanismo é antes e acima de tudo uma heresia cristã. Todos os grandes mitos de que Rousseau imbuu o seu século tem equivalencias no Cristianismo.

No seu conjunto a doutrina revolucionária é uma transposição inconsciente de verdades cristãs no fundo de velhas ideias ebionistas acompanhada duma eliminação do sobrenatural.

O princípio distintivo do temporal e do espiritual, do laico e do clérico que fizera a harmonia das civilizações antigas e fora sustentado na Idade Média pela preponderância da Igreja Católica sofreu o primeiro ataque com a Reforma. Lutero proclamou a independência absoluta das duas ordens. Todavia distinguindo duma forma categórica a natureza da graça não tinha Lutero em vista mais do que declarar a corrupção da natureza em face da excelência da bondade divina.

Neste ponto Rousseau não seguiu Lutero e aproximou-se mais do Catolicismo. Negou os valores católicos como os luteranos mas no fundo a sua divinização da natureza é uma compressão forçada dos valores católicos. A originalidade de Rousseau está toda aqui: Rousseau fez ao mesmo tempo uma sobrenaturalização do natural e uma naturalização do sobrenatural. Não reconhecendo o sobrenatural admitiu como ordem única — a natureza — uma natureza muito superior à católica, muitíssimo superior à natureza luterana, uma natureza que já participa do sobrenatural mas que denota toda a existencia.

Esta compressão é o amago da monstruosidade doutrinária da Revolução.

Foi o fermento de extraordinária potencia cuja decomposição fez eclodir o mundo moderno. Os episódios do terror mostram algumas ilustrações das suas inconsequencias. Desencadeou a anarquia, legitimou igualmente a insurreição e a ditadura, provocou o despotismo napoleónico e determinou finalmente uma desorganisação geral em todos os paizes latinos.

Numa penetrante análise Jacques Maritain mostrou todo o alcance deste ponto de vista no misticismo revolucionário. *L'ordre de la grâce — diz o insigne pensador católico est autre que celui de la nature, mais étant surnaturel, il s'y ajoute, il le parfait sans le détruire. Qu'on regarde maintenant comme naturel ce qui est de la grâce et qu'on prétend en meme temps en conserver le fantôme et l'imposer aux choses, alors on entreprendra de substituer de force un autre ordre à l'ordre de la nature et l'on ruinera l'ordre naturel, au non d'un principe divin et d'une vertu divine: c'est toute la Révolution.*

La passion de la Justice et celle de la Miséricorde, la conscience que toutes nos hiérarchies humaines ne sont rien devant Dieu, le sentiment que nous sommes faits pour une destinée divine, le grand bouleversement, des valeurs apporté par l'Évangile, l'exaltation des humbles et le renversement des puissants, tout cela qui se réalise en merveilleuse harmonie dans l'ordre surnaturel de la grâce, sans léser en rien l'ordre de la nature, devient alors, tombé dans l'humain, le zèle amer de l'égalitarisme et de la révolution. (13)

Daqui se deprende bem como a essencia da mística revolucionária está precisamente na naturalização do Evangelho, numa profunda confusão do que é sobrenatural com o que é natural.

Rousseau transpõe, mas transpõe naturalizando; a sua transposição é uma transposição naturalista. Rebate o natural e o sobrenatural sobre o plano único da natureza provocando uma extraordinária eferves-

cência de contradições, antinomias e paradoxos duma formidável capacidade destruidora.

A inocência paradisiaca que segundo a concepção cristã o homem teria disputado nos primeiros tempos da criação é transposta por Rousseau na mística democrática para um estado de natureza e de felicidade terrestre objecto de todas as esperanças no futuro da humanidade. Este facto aparentemente insignificante tem uma consequencia vasta porque a bondade natural não pode ser recuperada senão pela revolução. E' um segundo aspecto do insurreccionismo vingador de procedencia hebraico-semita.

O mito da Cidade Futura é a transposição da Jerusalem Celeste e a Revolução equivalente do Dia de Juizo representa a Regeneração da Espécie contra-partida da regeneração batismal.

O Estado desde então fica com o papel duma igreja civil no seio da qual só se pode ser admitido depois duma profissão de fé, dum reconhecimento sincero de todos os seus dogmas. Quem não acreditar neles é expulso do território do Estado.

Para realizar a sua missão educadora e teológica e para se precaver contra todas as possibilidades de desorganização o principe dirigente deve concentrar na sua pessoa o poder executivo e usar de todos os meios.

Dispõe das vidas dos cidadãos e pode sacrificá-las desde que o julgue útil ao Bem da República.

A descrença nos dogmas supremos é punida com pena de morte.

Na sua loucura idealista raciocinante Rousseau pode escrever: *que si quelqu'un après avoir reconnu publiquement ces mêmes dogmes se conduit comme ne les croyant pas, qu'il soit puni de mort.* (14)

Não estamos já muito longe da ideia platónica (e bem platónica...) duma inquisição politico-religiosa.

Conduzido pelo método de Platão, Rousseau, depois de ter pronunciado como Platão solenes disparates e asneiras monumentais com uma sinceridade admirável chegou a uma conclusão absolutamente identica à sua: à concepção diabólica duma República em cuja vida se realisasse a absorção total das actividades individuais.

Mas esta concepção é ainda sob certo aspecto, uma transposição inábil da ideia cristã duma Igreja Divina que depois da regeneração batismal conduz as almas para a eterna bondade do Creador e que para desempenhar a sua missão purificadora deve possuir uma absoluta supremacia espiritual.

A Religião do Estado na mística democratica representa o momento último da laicisação do Cristianismo começada por Lutero.

J. Garcia DOMINGUES

(11) Taine — Les Origines. — La Revolution I, pag. 386.

(12) idem.

(13) Jacques Maritain Théones, pag. 155 e Trois Reformateurs.

(14) Jean Jacques Rousseau Contrat Social (VI-VIII).

Uma tése notável

Transcreve-se parte do Capítulo II de «O Espírito Nacional e o Ensino da História» de Carlos Proença de Figueiredo.

SÓ a disciplina amável da terra e do sangue, voluntariamente aceite por nós, pode libertar-nos das *alucinantes quimeras* de que fala Gustavo Le Bon e, se queremos servir a Pátria com verdade e alargar pela parcela, maior ou menor, do nosso esforço, a riqueza comum tanto material como moral, é a essa disciplina que temos de pedir ainda a trajectória da nossa actividade. É neste sentido que Jacques Bainville diz que a *história deve ser tão nacional como a própria política*, até mesmo porque «ainda não se encontrou processo de distinguir entre a história e a política».

Quere dizer que, para além da nação, tudo se deva ignorar, que a nação deva ser o último termo de todas as nossas aspirações, de todos os nossos pensamentos? De modo nenhum. Nem a história de Portugal, de feição tão dominantemente *universalista*, nos poderia sugerir semelhante ensinamento.

Acima das nações há a humanidade, o mundo, que agrega as nações numa *totalidade articulada* e, acima dos Mundos, há Deus, princípio e termo de tudo o que existe, visível e invisível. A nossa escola, depois de *suprimir* Deus, mutilando essa maravilhosa hierarquia de organismos que por Ele vivem e para Ele caminham, deve, segundo certas doutrinas, dar combate à nação.

Para servir mais útilmente a causa universal é necessário realmente abater as diferenças que separam as nações, combater o espírito das nacionalidades? Muito ao contrário. Assim como a grandeza e a prosperidade de cada pátria dependem da especialização rigorosa e da perfeição técnica dos grupos ou corporações que a constituem, assim também a fidelidade de cada pátria à sua especial fisionomia e aptidão criadora lhe fornece os melhores meios de trazer ao equilíbrio e à marcha da civilização o seu mais valioso tributo. O que seria uma nação donde tivessem desaparecido todas as especificações de produção, substituídas por um tipo único de trabalho? Qualquer coisa de monstruoso, que a nossa imaginação se recusa a conceber.

Para um católico cada agregado nacional é investido pelo plano providencial numa determinada missão histórica.

Cumprir essa missão histórica eis o real patriotismo, o melhor serviço feito ao mundo, o melhor serviço feito a Deus.

O espírito moderno, porém, na sua superficialidade, foge às causas últimas e, vendo do problema apenas os dados que a ciência põe ao seu alcance, explica as diferenças e realidades nacionais pelos seus factores no tempo e no espaço e a conservação e vitalidade dessas dife-

renças pelas necessidades da organização do trabalho e da actividade humana.

Seja como fôr, cultivar e desenvolver o espírito nacional é ainda e sempre a melhor forma de servir a humanidade.

Para chegar a qualquer realidade supra-nacional só temos um intermediário — a própria nação.

Vemos portanto que *universalismo* nada tem a vêr com certo *internacionalismo*, que melhor defeniríamos por *cosmopolitismo*: o *universalismo* aceita as nações como «factos naturais» e pela federação delas chega a *todo*; o *cosmopolitismo* tenta destruir as nações, trazendo consigo inevitavelmente o regresso ao *caos primitivo*.

Nota acertadamente Foerster que «o nacionalismo espiritual autêntico conduz à síntese das nacionalidades». E subir dêle ao universalismo é o único método capaz de ganhar para a idea supra nacional a juventude actual que longe de ser cosmopolita é, pelo contrário, eminentemente particularista. Só o nacionalismo abstracto e militarista é anti-social e anti-europeu; enquanto que o sentimento de individualidade do povo a que pertencemos, pelo simples facto de nitidamente se aperceber e afirmar o que nele há de distinto e incomparavel acorda simultâneamente e inevitavelmente êste *Eros politikos*, que põe o elemento particular ao serviço da comunidade, completando-o e enriquecendo-o pelo património daquela comunidade».

Aquele nacionalismo *abstracto e militarista*, de que fala Foerster, pode realmente levar a exclusivismos contrários à colaboração de todos os homens na obra universal da civilização. Êsse nacionalismo nasceu com a Reforma, que, fazendo da religião um negócio do Estado, de novo confundiu aquilo que Jesus Cristo tinha separado, e levou as nações a fecharem-se sôbre si mesmas. Essas formas de nacionalismo estreme «representam a ruína da humanidade, a separação de toda a unidade espiritual, o retôrno do monoteísmo cristão ao politeísmo grego» como diz Berdiaeff.

No ocidente europeu o profundo sentido universalista do catolicismo tempera e corrige os excessos do nacionalismo, por virtude da própria doutrina evangélica. Além disso, nada mais contrário ao exclusivismo feroz das nacionalidades do que a lição da história de Portugal.

Os postulados da Organica politica portuguesa

Diferenciação regional na unidade nacional; Sistematização profissional da produção; Família e educação escolar cristã-católica; Poder público *uno*, forte, independente e de intenção nacional.

HIPOLITO RAPOSO — «A reconquista das liberdades», pág. 22.

na Austria...

Comemoração do I Centenário do nascimento do Imperador Francisco José

A 10 de Agosto passado houve na antiga cidade de Salz-und-Münzer, que ainda conserva o seu aspecto medieval uma festa comemorativa do primeiro Centenário do nascimento do Imperador Francisco José I.

A guarda de honra foi feita por altas individualidades, entre as quais se notava o Dr. Franz Stumpf e era comandada pelo Barão Bernhard Stolberg-Stolberg que é casado com uma neta do Imperador.

A incansavel actividade do Barão Stolberg-Stolberg fêz com que a festa decorresse com muito brilho.

Entre a assistencia encontravam-se todos os netos do Imperador e muitas pessoas de categoria da velha Austria.

Entre os numeros do programa contava-se um importante cortejo cívico no qual tomaram parte 150 tirolezes da companhia de fuzileiros, vindos de toda a parte do país e ostentando os seus trajos regionais. Nele se incorporaram muitos destacamentos da antiga armada e as Associações de Combatentes assim como deputações das Associações militares Alemãs e personalidades dos Altos Comandos da Alemanha.

Procedeu-se depois à inauguração de uma linda capelinha em estilo baroco tendo presidido às cerimoniaes religiosas o Bispo Dr. Waitz sendo a festa abrilhantada pela Orquestra Francisco José.

Terminada a festa religiosa houve um desfile militar de 5.000 homens das companhias de fuzileiros e das deputações militares, procedendo-se em seguida à inauguração do sanatório que possui o mais moderno balneário da Europa. Durante as festas do Centenário da Antiga Casa a rua tiroleza de Vüruberg esteve embandeirada.

*

E' com o maior prazer que publicamos a noticia supra que gentilmente nos foi remetida pela Secção da Imprensa Extranjeira do Tirol, associando-nos assim à piedosa comemoração.

N. R.

cinema: uma nova Arte

EM virtude da grande importância que hoje o Cinema tem como divulgador de idéas, e como Arte que se vai formando e expurgando de influências estranhas, não serão descabidas na nossa revista duas palavras sobre elle.

Na verdade o Cinema tem hoje um papel importantíssimo na vida social. Alcançando rapidamente o primeiro lugar entre os espectáculos dado o seu character democrático, tornou-se querido das multidões, porque raro é o film que não é acessivel a qualquer pessoa, por pouco culta que seja. Daí a sua espantosa divulgarisação.

Percebe-se bêm que uma tal arma tenha uma influéncia extraordinária, pois por ela se podem propagandar quaisquer idéas, quaisquer costumes, quaisquer doutrinas, boas ou más. Hoje não encararei êsse problema, nem outros não menos interessantes, que o actual estado de coisas cinematográficos superem. Sòmente farei algumas considerações sobre o ponto de vista artístico.

Evidentemente o Cinema — aquêlê que nos interessa, e que é o produzido para a multidão, e não o cultivado para meia duzia de iniciados, como se faz em alguns clubs lá de fóra — não pode ser considerado só como uma Arte. Os produtores de films não são artistas são industriais e comerciantes. Daí resulta que elles pouco se importam que a obra seja de reduzidos méritos artísticos, desde que tenha, de algum modo, condições de espectáculo. Apesar de tudo, bastantes realizadores têm conseguido lançar films em que não há só efeitos de interêsse artistico pois conseguem fazer obras em que, pelo menos, essas duas espécies de efeitos se equilibram. Tudo isto considerado, deve-se concluir que o ideal — na actual maneira de exploração cinematográfica — está em produzir films em que as condições espectaculares coincidam e estejam a par com os efeitos artísticos. Assim se satisfazem gregos e troianos — financeiros e artistas, quanto à produção, e grande publico e «iniciados», na exhibição.

Isto será parece-me o unico caminho a seguir (e que, de resto, é seguido bastas vezes). Não estou a dar indicações inéditas, mas simplesmente quero frisar que é êsse o caminho que todos deveriam trilhar, pois os resultados práticos são unanimes em mostrá-lo como o melhor.

Eu sei que esta mesma condição industrial do Cinema é um dos grandes argumentos dos que lhe vejam méritos suficientes para poder ser considerado uma Arte. Evidentemente que alguma razão têm os que assim discutem. Mas que o seu argumento tenha uma extensão absoluta — isso é que me querê parecer já demasiado.

Claro que aparecem por vezes películas cujo entrecho é idiota ou falso, cuja *mise-en-scene* é, pretenciosa ou de mau gosto, péssimamente interpretadas e pior realizadas. Isso não é Cinema — é uma maçada.

Mas nós não podemos avaliar dos seus méritos por êsses films

infelizes, como não avaliamos a Pintura pelos borrões da dama do Largo de S. Domingos, nem a musica pelas composições filarmónicas ou revisteiras que por aí abundam. Quantos outros films não nos têm deslumbrado pelo seu equilibrio, pela sua belêsa *externa*, pelo seu ritmo, pelas suas intenções e vida interior! Nêsses não podemos deixar de reconhecer que há, Arte, e arte autêntica, pois são veículos de expressão que utilizam meios próprios e privativos para a sua exposição e revelação.

Esses meios de expressão, que pertencem inteiramente ao Cinema e só dêle são próprios, encontram-se principalmente na montagem. Essa é que é a operação mais delicada de tôda a feita do film, pois nela se imprime à obra o ritmo geral que a deve animar, ritmo êsse que é formado pelo conjunto de ritmos parciais das várias scenas ou fases. Assim é pela montagem que se gradúa o valor emocionante e o poder de interêsse dum film, pois se põem verdadeiramente em equação as parcelas de que êsse film é formado, tendo sempre em vista o coeficiente de duração de cada uma delas — o que gera o ritmo. Muitas vezes não é só pela montagem que se consegue exprimir uma intenção ou provocar uma emoção.

Recorre-se então à iluminação racional e á escolha psicológica — digamos — do ângulo que melhor revelará o exito desejado. Os planos das cabeças dos bandidos no *club 73*, podem servir de exemplo para estas duas espécies de recursos expressionistas.

Já vêm que os meios, que o Cinema emprega, não lhe foram emprestados por nenhuma outra Arte. Por isso eu afirmo que o Cinema já deve ser considerado uma Arte, ainda que inferior, porquanto indo suggestionar-se na Vida ou no Sônho, traduz essas sugestões por meios próprios e independentes, em imagens estéticas e emotivas, até êle inéditas e desconhecidas.

Se lhe outorgo só o direito a ser julgado uma Arte inferior, é porque ainda se não libertou completamente de influências estranhas (que se revelam especialmente na forma do desenrolar dos conflitos e na escolha dos mesmos) e dada ainda a sua condição industrial e espectacular, de que já falei.

Isto que fica dito parece ter mais applicação ao Cinema silencioso, do que ao Sonoro, pois que não falo nunca em som. Não é assim. O que deixo dito tem também tôda a applicação ao Sonoro, pois que a imagem ainda é hoje a base, e o som méro complemento, se bem que já haja alguns exemplos em que os papeis se invertem — exemplos êsses que se referem a tentativas produzidas pela confusão que o Sonoro lançou de inicio, mas que, estou convencido, serão abandonadas.

O som veiu ainda dar mais fôrça e realce ao Cinema. Sob o ponto de vista espectacular nem se fala.

(*Continúa*)

Domingos MASCARENHAS E SILVA.

INTEGRALISMO LUSITANO

Junta Provincial da Beira Maritima

Em reunião da J. C. foram nomeados para constituir a J. P. B. M. os seguintes camaradas:

Presidente — D. Fernando Ferrão de Tavares e Tavora, proprietário e advogado.

Secretário — Dr. Carlos Proença de Figueiredo, Professor e escritor.

Vogais — P.^e Abel Matias Condeço.

— Dr. Antonio Abrantes Tavares, Advogado e jornalista.

A Junta Escolar de Lisbôa e os ultimos incidentes académicos

Nos incidentes académicos, ocorridos no mês de Novembro passado em Lisbôa, os estudantes integralistas souberam cumprir os seus deveres de solidariedade. Bem sabiamos nós que parte dos nossos colegas republicanos andava em tudo aquilo como Pilatos no Credo. Sabiamos também que alguns dos *discolos* trabalhavam mais por crear obstáculos à situação do que por zêlo pelos interesses académicos, não merecendo parte dos passos que por êles démos.

Mas também não desejamos que haja illusões a nosso respeito.

Se só na Monarquia Social vemos a cura radical dos males que nos afligem, achamos no entanto criminoso que se contrarie a obra de restauração económica e financeira que a Ditadura Militar vem realizando e para a qual tem solicitado o apoio desinteressado e leal de todos os portugueses.

Os que procuram atihar odios e fomentar a desordem ficam já prevenidos de que nos terão pela frente... para que não haja illusões. Sabemos até onde deve ir a solidariedade académica e onde começa a solidariedade com os superiores interesses da Patria.

E o aviso fica feito tambem a certos Professôres que no mais formal esquecimento dos seus devêres fomentam o espirito de revolta nos estudantes e depois se escondem cobardemente na sombra.

A Junta Escolar de Lisboa

ao ritmo da ampulheta

UM LAPSO

Por lapso não comunicamos aos nossos amigos a saída respectivamente de Administrador e Secretario da Redacção, dos nossos queridos camaradas Medeiros Galvão e Mascarenhas e Silva a quem a Junta Escolar cometeu outras secções de serviço. Até à posse dos novos Administradores, Valentino de Sá e Medeiros Galvão continuaram a prestar-nos o seu valioso auxilio.

Só nos resta agradecer a todos os que óra nos deixam a bela e leal camaradagem que sempre nos prestaram fazendo votos porque vejam coroados de exito os novos trabalhos para que a junta Escolar os chamou.

ESTUDOS FILOSÓFICOS E

CRITICOS

Foi posto à venda, há poucos dias, um livro do Senhor Dr. Alfredo Pimenta — Estudos Filosóficos e Criticos.

Numa época em que as montras dos livreiros são assaltadas por hisantinismos lico-dóces, expoente manifesto de inferioridade intelectual, o livro do Sr. Dr. Alfredo Pimenta marca pela clareza, pela honestidade de processos, pela inteligência, pela elegância literária, pela cultura.

Desejamos ao novo livro o successo a que ele tem direito, a despeito do ulular inconsciente da multidão indigena.

OS ESTADOS UNIDOS E O

SR. DR. OLIVEIRA SALAZAR

«A Voz» de 21 de Novembro publicava a seguinte noticia :

Nova York, 19 — O enviado do «Petit Parisien» informou que só durante o dia de ontem suspenderam pagamentos 52 bancos de interesse local.

E nós atonitos com a noticia, ficámos a pensar que deve ter sido por causa do Sr.

Dr. Oliveira Salazar, ou talvez, por os americanos não terem parlamento.

Em 25 «a Voz» noticiava em telegrama de Washington que o número de bancos encerrados subia a 117 num total de 300 milhões de dolares.

E o parlamento para que serve afinal?...

PALAVRA QUE É VERDADE!

Os Srs. podem não acreditar, mas palavra que é verdade: veio no nosso prezado colega «a Voz» num dos seus numeros de Novembro passado que a sessão de inauguração do periodo 1930-1931 das Juventudes Monarquicas do Porto (caiu-lhes o Conservadoras, pelo visto) foi secretariada por indefectíveis soldados do Tradicionalismo Português.

Vá lá a gente entender-los. Eles são secretariados por tradicionalistas, eles dão um grande *bravo* aos principios expostos pelo Sr. Ministro das Finanças na celebre sessão da União Nacional...

E' verdade que com a comocão a voz embargou-se lhes a meio e a gente não chegou a perceber bem se eles disseram bravo ou basta! Parece, pelo menos que não disseram todos a mesma coisa, que com aquela trapalhada de notas e contra-notas não se chegou a perceber...

Mas no meio disto tudo que raio teriam eles feito à Carta?

Já a teriam rasgado?...

O BRIO ACADEMICO

Meia duzia de «Pintaínhos de Rousseaus» perfeitamente domesticados e amestrados a fazer fretes às alfurjas maçonicas, armaram em defensores e zeladores do brio academico, com áquela coragem e galhardia que nós lhes conhecemos.

Assim, a quando do concurso para lentes da Faculdade de Letras de Lisboa o Juri entendeu, no seu plenissimo direito, aprovar um dos candidatos e reprovar o outro...

O pior è que reprovou um apunhalgado e apadrinhado da Seára e das alfurjas!

ao ritmo da ampulheta

E logo, todos os filhos da viuva, pretenderam explorar o caso... aproveitandoo politicamente...

O quê? pois não viam os estudantes de Lisboa a injúria feita por Professores da Reaçonaria Coimbra? O insulto feito à Faculdade de Letras de Lisboa aprovando um homem que não é jacobino quando havia all à mão um jacobinozinho acabado?!

Não se sentiu maguado o Conselho da Faculdade! Não deu o interessado por iniqua a decisão do juri... mas briosos «Pintaínhos de Rousseau» com aquela galhardia e coragem que nós lhes conhecemos, vieram num papelinho reles, esvurmendo, ódio defender *anonimamente* o brio academico offendido!

O diabo porem que já disparou uma trancá desamparou-os agora e veio a provar-se que o candidatinho não passava dum reles... plagiador.

Que desaire «Pintaínhos de Rousseau», que desaire!...

E agora? O brio academico não mandará tambem que os Srs. castiguem os que abuzaram da vossa boa fé?

Ainda isto lhes não abrirá os olhos?

Surriada! Surriada! Surriada!

RETUMBANTE SUCESSO LITERÁRIO

O Senhor Dr. Silvio de Lima — profundo poeta e mimosissimo filósofo — acaba de lançar na feira ingrata das letras uma obra. O Senhor Doutor obrou, obrou porque sentiu a necessidade metafísica de expellir tódá a sugidade transcendente que lhe povoava o fulgurante espirito.

E não se saiu mal; escreve até com uma certa correção gramatical, abusando um pouco da virgula, sem, no entanto, desprezar ingratamente o ponto final. Nas reticencias então é profundo... Se o livro fósse todo em reticencias estavamos certos que Socrates, do fundo da sua tumba, arreperalaria a floresta capilar e o pai Kant rugiria de inveja. Só Descartes, na sedença lógica da dúvida sistemática, duvidaria do talento do novo filósofo...

Mas que importa ao Doutor a opinião cartesiana se éle se sente um iluminado, um bafejado pela graça racional.

De facto razão tinha alguém ao dizer que o nosso Doutor não era burro de todo, porque tinha forma e figura humanas.

Doutor, um conselho — oleo de fígado de bacalhau faz muito bem!

ESTOCADA CERTEIRA

Desta vèz o snr. Homem Cristo meteu-se em boa. Isto de tratar assuntos historicos não é o mesmo que vociferar verborreia nojentá e imbecil como lhe é tão grato, mas qualquer coisa de alto que a sua cereberação baixa não logra atingir. Quiz este impagavel polemista armar-se em defensor do traidor Gomes Freire, cuja personalidade está de sobejo conhecida por todos aqueles que têm da historia uma noção intelligente e sem facciosismos; mas a sua malcriação e insolencia não impediu a resposta vibrante, justa, que lhe foi dada pelo nosso combativo colega «**Renovação**», em termos tais e com tal clareza, que não se torna difficil antever a al-palpação da senil figura com prosápias de batalhador.

Muitos parabens ao nosso colega pela estocada certa.

AGRADECENDO

Em dois dos seus ultimos numeros, o nosso prezado colega de Celorico da Beira «O Correio», transcreve na integra o artigo sobre «a Família» da autoria do nosso camarada Franz-Paul Langhans, fazendo-o acompanhar de palavras elogiosas que nos penhoraram.

Ao «Correio» e ao seu illustre director e nosso querido amigo, os nossos agradecimentos.

ACÇÃO

Com este titulo começou a publicar-se em Coimbra um jornal, órgão dos estudantes, nacionalistas, recheado de boa e inteli-

ao ritmo da ampulheta

gente colaboração. O facto de ser seu director o nosso querido camarada Miranda da Rocha, garante-nos o exito completo do novo jornal no meio academico de Coimbra. Desejamos-lhe muitas prosperidades.

O 1.º DEZEMBRO EM BRAGA

A Academia de Braga mantendo as suas gloriosas tradições comemorou com brilho mais este aniversário da Restauração.

Alem dum sarau brilhante no Teatro-Circo publicou um interessante e bem collaborado número unico, de que nos permitimos destacar os versos moços e brilhantes do poeta nacionalista Dr. Duarte de Viveiros, e a proza conceituosa do artigo de fundo.

Bem hajjam!

O DEVER DO GOVERNO

... «Quando os governos de todos os países procuram formar uma barreira solidada contra a investida organizada dos partidários de Moscou, evitando assim que a sangueira da tragédia russa e espalhe como nova barbarie por toda a Europa combalida e doente, os inimigos da Ditadura numa cegueira comprometedora, não duvidam dar-lhes a mão, estupidamente convencidos de que na hora da victoria candidamente elles lhe entregariam o mando.

Urge acabar de uma vez para sempre com os fabricantes e profissionais de bombas.

Urge saber quem dá dinheiro para o seu fabrico e quem arrasta para o caminho perigoso da sua utilização os tresloucados ao seu serviço. Tudo isto tem de ser aclarado e precisado para ser devidamente punido.

E' tempo e mais que tempo de encarar o problema de frente e sem receios e resolve-lo definitivamente.

Qualquer hesitação neste sentido não

é já longanimidade, porque é antes vergonhosa e cobarde capitulação.»

Só temos que fazer nossas estas judiciosas considerações que com a devida venia transcrevemos da «União da Beira» órgão da União Nacional no distrito de Vizeu.

UMA ESTATISTICA QUE FALA

POR SI PROPRIA

Na França, no ano seguinte à proclamação da lei do divorcio, registaram-se 4.123 familias legalmente dissolvidas: éra muito! Mas em 1901 foram 10.850; em 1921, 32.557; e a torrente creveit eundo! Na America do Norte em 1922 só na cidade de Chicago houve 13.000 divorcios; no estado de Washington a media foi de um divorcio por quatro casamentos; no de Orégon dois divorcios por cinco casamentos; levou a palma da immoralidade o de Nevada com três divorcios por dois casamentos — De «Broteria» Dez, 1930 — pg. 348.

O PERIGO MONARQUICO

«Os que esploram com esse perigo são os maus republicanos. São aqueles que para combater a Ditadura não olham a meios e escolhem todos os processos desde a intriga, a calunia e a difamação, até ao conluio criminoso com os mais perigosos inimigos da sociedade».

(Do Ministro do Interior a «A Voz» de 21 do corrente).

Perguntamos:

— Quem comprou lá fora o material de guerra ultimamente apreendido e destinado a *Liber-tar-nos* à fôrça?

— Quem deu o dinheiro para essa compra?

ao ritmo da ampulheta

— A Moagem? A Finança? gente de dentro, ou gente de fóra?

— O país precisa e quer saber quem foram e quem são,

O ASSASSINATO DE MORAIS SARMENTO

— Quando são punidos os assassinos do malogrado tenente Alfredo de Moraes Sarmiento?

— Quando são castigados os maus portugueses que em Angola se revoltaram contra a Ditadura Nacional?

— Quando são chamados à barra dos Conselhos de Guerra os delegados da Maçonaria de Angola que entretinham conversações secretas com as organizações protestantes americanas?

— Quando é ouvido sobre o assassinato de morais Sarmiento o Sr. Capitão Augusto Casimiro?

BANA O DAS LONGAS E LANUGENTAS ORELHAS

O panfletário Raúl Proensa quiz entrar com o Bana — o nosso celeberrimo Bana das longas e lanugentas orelhas.

E com aquele espirito que o caracteriza, afirmou que o Bana em matéria de reacionarismo estava a par de Maurras.

O Bana, sempre esperto, tomou a sério a brincadeira do Fagocito.

Todo indignado, protesta então — e diz que entre êle, Bana, que todos conhecem, e Maurras um abismo existe.

Pois existe, existe!...

Ninguem o põe em duvida!
Ora o nosso celeberrimo Bana das longas e lanugentas orelhas!

SOB O SIGNO DA LIBERDADE, DA EGUALDADE E DA FRATERNIDADE

Preparavam-se alguns amigos para transformar êste jardim à beira-mar plantado num autêntico «paraiso vermelho». Nada faltava à festa. De tudo havia, desde as classicas bombas aos modernissimos gazes lacrimogenios e asfixiantes. De tudo havia...

E seria assim que a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade se reimplantariam nêste jardim à beira mar plantado!

Morreria muita gente, isso à verdade. Mas a Liberdade voltaria!

Morreria muita gente inofensiva, morreriam muitas crianças, e muitas crianças. Mas a Igualdade impor-se-ia!

A morgue ficaria cheia de cadaveres. Os hospitais ficariam cheios de feridos. Os asilos seriam poucos para os orfãos da revolução. Ah, mas a Fraternidade seria então um facto!

MAIS UMA VELOZIDADE...

Os Srs. lembram-se do Veloze amigo? Não o algarvio alegre dos Lusíadas que parece achava mais facil descer do que subir, mas aquele Veloze, aquele Sr. Queiroz Veloze que achava mais fácil subir do que descer? Aquele que era Director Geral de Ensino Superior, Vice-Reitor da Universidade de Lisboa, Director da Escola Normal Superior, Director da Faculdade de Letras, etc., etc., etc.? Aquele mesmo que o continuo ia acordar às 11 para vir dar a aula das 10? Lembra-se?

Pois o Dr. Alfredo Pimenta acaba de nos mostrar o processo que o tal Sr. Veloze emprega na confecção dos seus trabalhos scientificos.

Aquilo é que é um processo de «voz com velocidade... Leiam os Srs. «a Voz» de 28 do corrente e ficarão edificados.

REDACTORES { *D. Mascarenhas e Silva* (F. D. U. L.)
F. P. d'Almeida Langhans
Miranda da Rocha (F. D. U. C.)
M. Pinto Barreto (F. E. U. P.)

EDITOR — *Nicolau Monteiro* (F. D. U. L.)

PROPRIEDADE — SOCIEDADE NACIONAL EDITORA, LTD.^a (Em organização)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Sol a Santa Catarina, 40-A, I.^o

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. Augusto Costa & C.^a L.da — Largo do Barão de S. Martinho - BRAGA

SUMARIO

No banquete do Luso.	
O Sr. Carlos Babo e as Lutas Liberais . .	<i>Alvaro MAIA</i>
«Pátria Nova» e o Mestre.	
A mistica democratica e a transposição naturalista do Cristianismo	<i>J. Garcia DOMINGUES</i>
Uma tése notável: O Espirito Nacional e o Ensino da Historia.	
na Austria	
cinema: uma nova arte.	<i>D. Mascarenhas e SILVA</i>
Integralismo Lusitano.	
ao ritmo de ampulheta	

ASSINATURAS

(Cada serie de 10 numeros)

Continente e ilhas	10\$00
Provincias Ultramarinas	15\$00
Estrangeiro.	20\$00

Numero avulso 1\$50

José Guilherme Ayala Monteiro

ADVOGADO

Rua dos Douradores, 72, 3.^o D.

Telefone C. 959

Artur de Campos Figueira

ADVOGADO

Rua Nova do Almada, 54, 2.^o

TELEFONE CENTRAL 3024

LISBOA

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

